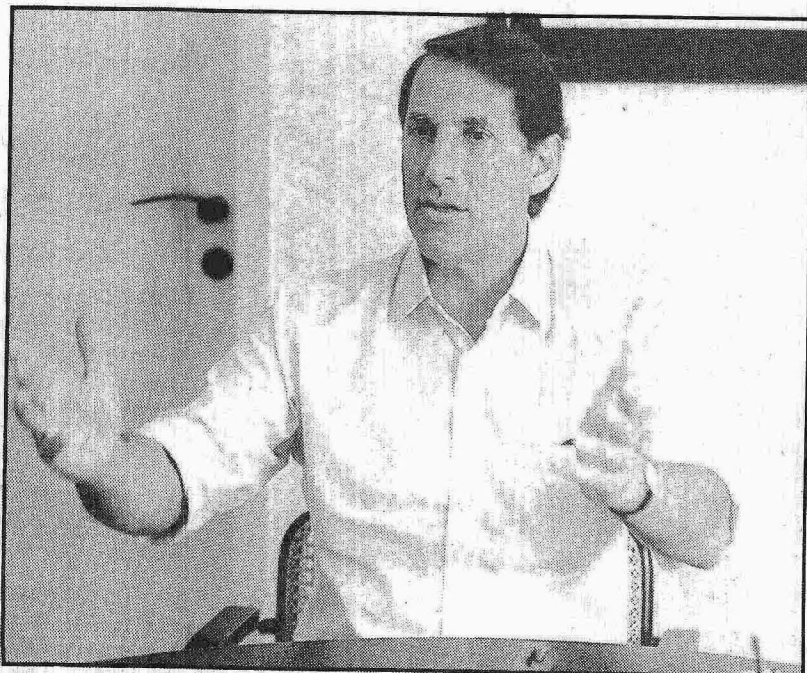


Disputa interna emperra o PMDB

DENISE ROTHEMBURG, MARCELO DE MORAES e NÚBIA FERRO

BRASÍLIA — Ainda que tenha uma sólida estrutura montada em todo o país e a maior representação do Congresso, o PMDB é, atualmente, o partido que enfrenta as maiores dificuldades para a sucessão presidencial. Para chegar lá precisa de, no mínimo, ultrapassar três grandes obstáculos: a insistência de Orestes Quércia em ser o candidato, apesar da forte oposição da maioria do partido; a resistência do ex-ministro da Previdência Antônio Britto em aceitar participar da disputa e um sucesso arrasador do plano econômico, que torne o ministro Fernando Henrique o nome mais forte para a sucessão.



Orestes Quércia: insistência em disputar a Presidência divide o PMDB

O presidente do partido, deputado Luiz Henrique (SC), ainda tem esperanças de conseguir "costurar dois sacos ao mesmo tempo", conforme a expressão que usou para as articulações nas quais tenta apaziguar o partido e, ao mesmo tempo, conseguir aliança com outras legendas sociais-democratas. O ex-presidente do partido senador José Fogaça (RS) vê muitas nuvens no horizonte da campanha: para ele, existe grande risco de PMDB e PSDB chegarem à sucessão sem candidatos próprios, deixando polarizada a disputa entre a esquerda e a direita, sem a opção de centro.



Fleury: antiquercistas querem o governador de São Paulo na disputa

Para Fogaça, o PMDB está com problemas por ter muitos candidatos a candidatos, sem que qualquer deles, a não ser o que rejeita a disputa, o deputado Antônio Britto, consiga reunir mais do que 30% das adesões do partido.

À exceção de Britto, todos dividem o PMDB, em menor ou maior grau. Não vejo com otimismo a situação dos dois maiores partidos de centro-esquerda, porque entendo que o melhor nome do PSDB, o de Fernando Henrique, também é prisioneiro de sua própria seriedade, para tocar o plano econômico adiante — avalia Fogaça.

No PMDB ninguém admite formalmente, mas muitos consideram mais fácil a concretização de uma aliança com setores do PFL, até porque este partido concordaria em ser coadjuvante nas eleições presidenciais, condição que o PSDB não aceita. O senador Mário Covas (PSDB-SP),

por exemplo, julga remota a possibilidade de qualquer aliança no primeiro turno das eleições presidenciais. Ele concorre ao governo de São Paulo e, como Britto, recusa-se a abrir mão do pleito regional para disputar a sucessão de Itamar Franco.

Mas afora as situações pessoais de alguns candidatos, todos os partidos sociais-democratas têm em comum a disposição de formar uma chapa de centro que possa derrotar o petista Luis Inácio Lula da Silva, já no primeiro turno.

Sem candidatos fortes, os partidos trabalham pela formação de uma frente, cujo núcleo, segundo Luiz Henrique, será composto pelo PMDB, PSDB e PDT,

tendo como respaldo para uma base parlamentar majoritária setores do PFL, do PTB e, provavelmente, do PP.

Apesar de todas as dificuldades, Luiz Henrique sonha alto. Acredita que ainda é possível, com a ajuda do governador Luiz Antônio Fleury Filho para o afastamento de Quércia, conseguir até a convenção, que Antônio Britto aceite encabeçar a chapa de uma coligação com os demais partidos da frente. Concretizadas estas metas, segundo Luiz Henrique, o passo final seria um manifesto nacional, em que os partidos fariam a exposição de um programa conjunto, "voltado para a retomada do crescimento e a distribuição mais justa da riqueza".